

A misericórdia no documento conclusivo de Medellín (1968)

Matheus da Silva Bernardes *

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar a categoria teológica misericórdia dentro do documento conclusivo da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de Medellín (1968), ainda que ela não seja mencionada explicitamente sequer uma única vez ao longo do documento. Além do mais, também estabelecerá a relação entre Medellín e o Pontificado do Papa Francisco, que destaca amplamente a misericórdia como categoria teológico-pastoral.

Palavras-chave: Misericórdia; Dignidade humana; Pastoral; Papa Francisco.

INTRODUÇÃO

É inegável a influência da tradição eclesial latino-americana no Pontificado do Papa Francisco: sua ênfase em uma *Igreja para pobres*, mas sobretudo em uma *Igreja pobre* mostra que ele se inspira na vida teológica e pastoral da América Latina. Ao mencionar essa tradição é preciso reconhecer a importância das Conferências Gerais do Episcopado; merece destaque a ocorrida em Medellín (1968), poucos anos após a clausura do Concílio Vaticano II. Alguns autores, inclusive, a reconhecem como parte do *evento conciliar*, uma vez que foi o esforço do episcopado latino-americano de traduzir a novidade do Concílio para a realidade do subcontinente.

Muitos dos bispos que foram ativos na aula conciliar, também foram os protagonistas de Medellín. Ao olhar para a realidade que os cercava e buscar no Evangelho respostas para os desafios dessa realidade, se encontraram com uma região do mundo que passava por profundas e aceleradas mudanças, mas que ainda era marcada pelo flagelo da desigualdade social. O modelo colonial ainda não tinha sido superado e a grande maioria da população se via subjugada por aqueles que detinham o poder político, econômico e cultural em suas mãos e vivia em situações de pobreza e miséria.

O clamor por justiça, que foi marca dos movimentos sociais na segunda metade da década de sessenta do século passado, se tornou clamor da Igreja que viu na desigualdade social e no desrespeito à dignidade humana anti-sinais do Reino. Medellín

* Doutorando da FAJE, Bolsista CAPES.

significou a tomada de consciência da urgência do clamor pela justiça; mais ainda: essa urgência não deveria acontecer somente mediante palavras e manifestos, tinha chegado a *hora da ação* (Introdução n. 03).

É possível estabelecer uma relação direta entre Medellín e o Pontificado de Francisco: a insistência no respeito à dignidade humana e, para tal, a superação de situações de pobreza extrema e miséria. Chama a atenção, entretanto, o fato de que uma categoria muito estimada por Francisco não aparece sequer uma só vez no documento conclusivo de Medellín: a *misericórdia*. Até mais, como uma conferência conectada diretamente ao Concílio Vaticano II não cita essa categoria central que já aparece no discurso de abertura do próprio Concílio?

O objetivo deste trabalho é mostrar que, ainda que não tenha sido mencionada explicitamente, a *misericórdia* é, sim, categoria teológica do documento conclusivo de Medellín. Mesmo que não apareçam sequer palavras sinônimas como bondade ou benevolência, a *misericórdia* perpassa o documento, sobretudo mediante a urgência da justiça na América Latina.

1. O TEXTO CONCLUSIVO DE MEDELLÍN (1968)

A estrutura temática do documento conclusivo da II Conferência Geral de Medellín possui três partes: uma dedicada à promoção humana dos povos latino-americanos, outra que insiste na urgência de adaptar a evangelização às novas circunstâncias do subcontinente e, finalmente, uma parte que versa sobre a Igreja e suas estruturas visíveis (Introdução, n. 08).

Vale destacar que *libertação* é uma categoria teológica presente em todo o documento e está referida tanto à salvação escatológica que Deus oferece ao ser humano em Jesus Cristo, como também à superação de estruturas injustas que não permitem o desenvolvimento pleno humano neste mundo.

Assim, como outrora Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando ele o libertava da opressão do Egito, quando o fazia atravessar o mar e o conduzia à conquista da terra prometida, assim também nós: novo povo de Deus não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se diz o “verdadeiro desenvolvimento, que é, para cada um e para todos, a passagem de condições de vida menos humanas para condições mais humanas” (Introdução, n. 06)

A libertação integral do ser humano implica um esforço constante pela justiça e pela paz, temas amplamente tratados no documento conclusivo de Medellín. Vale mencionar, neste caso, que justiça e misericórdia, assim como paz e misericórdia, não são

categorias que estão em contraste, mas são duas dimensões que de uma mesma realidade (MV, n. 20).

Sendo assim, ainda que não esteja de modo explícito no documento, a *misericórdia* está no destaque dado à promoção humana, assim como na necessidade de um anúncio renovado da Boa-nova do Reino e na urgência da conversão da Igreja em uma *Igreja pobre*.

2.1 PROMOÇÃO HUMANA

A primeira parte temática do documento conclusivo de Medellín trata sobre a promoção humana e dos povos latino-americanos mediante o cultivo dos valores da justiça, paz, educação e família. Após a dramática constatação de que a grande maioria dos povos latino-americanos vive em uma situação de miséria e pobreza extrema, enquanto alguns poucos detêm a força política, econômica e cultural, é necessário encontrar caminhos para a superação dessa realidade. Isso acontecerá somente quando *a fome e sede de justiça* dos povos forem saciadas e, para tal, é fundamental a eliminação de estruturas que promovem a falta da integração sociocultural dessa maioria pobre, assim como a superação de estruturas injustas (Justiça, n. 03).

Para tal, é fundamental a libertação integral do ser humano, isto é, a libertação de toda forma de opressão histórica. Cristo liberta o ser humano tornando-o *criatura nova* (2Cor 5,17), mas também o impulsiona à superação do pecado histórico que impede a promoção humana. Essa libertação do pecado histórico exige do ser humano conversão ao Reino e entrar na dinâmica do Reino, o que se converterá para ele fundamento de verdade e sinal de liberdade (Justiça, n. 04).

O amor a Cristo se transforma em amor ao próximo e, portanto, força de libertação da injustiça social e da promoção da vida (Justiça n. 05). Desperta-se, assim, a solidariedade entre todos homens e mulheres que permite o processo de personalização e integração social. Os cristãos e cristãs, ministros ordenados, religiosos, religiosas, leigos e leigas, são convocados a trabalhar nesse sentido e comprometer com a formação de uma sociedade cada vez mais justa.

Essa convocatória também tem como meta a superação de todas as situações de pecado que promovem a tensão e a falta de paz entre as classes sociais no subcontinente (Paz, n. 02-03). A violência à qual estão expostos muitos homens e mulheres na América Latina, especialmente os mais pobres, também é fruto da injustiça. É urgente conscientizar as classes sociais mais baixas para que se organizem e se tornem, mediante movimentos populares, agentes que promovam a paz (Paz, n. 16).

Isso também é tarefa das famílias, especialmente dos pais que são os primeiros educadores e evangelizadores de seus filhos. Não basta transmitir os “valores tradicionais” do Evangelho para as novas gerações; é mister que elas também compreendam que o Evangelho traz consigo um compromisso real e concreto com os acontecimentos

históricos que as circundam. Deve-se, portanto, insistir que a verdadeira piedade para com Deus é também compromisso histórico, especialmente mediante o anúncio de valores humanos (Família e demografia, n. 06).

Por último, a primeira parte temática do documento conclusivo de Medellín insiste na necessidade de uma educação verdadeiramente libertadora, isto é, uma educação que promova a formação de sujeitos responsáveis pelo próprio desenvolvimento. Assim, é promovida por um lado a educação integral capaz de redimir o ser humano de servidões injustas, mas, ao mesmo tempo, se converte em antecipação da redenção plena de Cristo. Destinatários dessa educação integral e integradora são, sobretudo, os mais pobres (Educação, n. 09); assim a Igreja em sua missão educadora se aproxima de seu Senhor que veio “*evangelizar os pobres*” (Lc 4,18).

2.2 RENOVAÇÃO DA EVANGELIZAÇÃO

A Conferência Geral de Medellín chegou à constatação de que a América Latina é uma região que passa por rápidas mudanças sociais, isto exige da Igreja um ajornamento em seus métodos evangelizadores. Sem perder a originalidade própria do Evangelho de Jesus Cristo, a Igreja se vê interpelada a procurar novos meios que expressem a riqueza dessa boa-nova. Especial atenção dentro desse processo de ajornamento, possuem os jovens não só como destinatários da atividade eclesial, mas como seus protagonistas. Os jovens não querem estar à margem do acontecer social, são chamados a levar adiante as transformações do seu meio. Por essa razão, a Igreja não pode subestimá-los, pelo contrário, deve encontrar caminhos para que eles possam expressar todos os seus anseios de uma sociedade mais participativa e, portanto, mais justa (Juventude, n. 12).

Por outro lado, os Bispos se encontraram com o grande desafio de respeitar, mas ao mesmo tempo evangelizar, a pastoral das massas. Devido à situação colonial, sob a qual os países latino-americanos viveram mais de trezentos anos, foi desenvolvida uma espiritualidade muito associada a devoções, mas pouco comprometida com o acontecer histórico. Entretanto, não se pode simplesmente negar essa espiritualidade (Pastoral das massas, n. 02); ela pode ser balbúcius de uma autêntica espiritualidade que expressa o verdadeiro temor a Deus (Pastoral das massas, n. 05). A pastoral das massas se desenvolveu como uma presença secreta de Deus na história da América Latina, mas também está chamada a entrar em uma nova dinâmica do Espírito que “*renova toda a face da terra*” (Sl 104,30).

Por outro lado, a renovação da evangelização não implica somente olhar para as massas e classes mais pobres da sociedade latino-americana; é necessário também empenho na pastoral das elites, especialmente anunciando o abandono de uma religiosidade que mantém o *status quo* e a conversão à uma espiritualidade que procura a fraternidade e solidariedade com os mais necessitados. A Igreja se apresenta como espaço aberto para esse processo de conversão, por isso deve promover o diálogo entre as elites

do subcontinente e a grande maioria empobrecida. Não se trata simplesmente de promover uma convivência pacífica entre as classes, mas uma verdadeira conversão à justiça e à promoção humana daqueles que mais necessitam, permitindo que se tornem também protagonistas das transformações sociais (Pastoral das elites, n. 13).

Acolhendo o impulso dado pelo Concílio Vaticano II, a Conferência de Medellín deu especial atenção à renovação da catequese e da liturgia. Em primeiro lugar, a renovação da catequese tem que partir de um suposto básico: a unidade do plano salvífico de Deus, isto é, a salvação não se realizará somente como dom escatológico do Reino, mas na medida em que os homens e mulheres se empenham para uma promoção dos valores humanos e a superação da injustiça, o plano salvífico de Deus já está se realizando. A catequese deve procurar um compromisso pessoal com o Cristo e uma entrega consciente à obediência da fé (Catequese, n. 04). Da mesma forma, a liturgia também deve passar por um processo de renovação, especialmente unindo a vida cotidiana dos fiéis e sua vivência de fé. A liturgia, especialmente a celebração da Eucaristia, é o espaço de comunhão entre os fiéis com o Deus da vida, mas também com os irmãos e irmãs e, portanto, se converte em compromisso pelo surgimento de uma sociedade mais justa e fraterna. Mediante a liturgia, a Igreja dá testemunho da presença eficaz de Deus no meio do mundo pela ação salvífica de seu Filho, Jesus Cristo, e a força de seu Espírito (Liturgia, n. 07).

2.3 A IGREJA POBRE

Dentro da parte temática dedicada diretamente às estruturas visíveis da Igreja, como os movimentos leigos, os sacerdotes, os religiosos, a formação do clero, a colegialidade e o uso dos meios de comunicação, os Bispos reunidos em Medellín se dedicaram a uma ampla reflexão sobre a pobreza da Igreja.

Novamente motivados pela prática eclesial, a Igreja na América Latina não pode conviver com um *status quo*, o qual traduz em suas próprias estruturas a injustiça social vivida na sociedade do subcontinente. É necessário que a pobreza, entendida como falta dos bens materiais básicos para a dignidade humana, seja denunciada; também que se viva a pobreza evangélica, isto é, que a Igreja da América Latina tenha o Senhor Deus como sua única riqueza; entretanto, é mais urgente que a pobreza seja vivida como compromisso, abraçada voluntariamente e convertida em sinal da presença do Reino de Deus no meio deste mundo (Pobreza da Igreja, n. 04). A pobreza da Igreja como compromisso reflete a pobreza de Jesus Cristo que “*se fez pobre, embora fosse rico*” (2Cor 8,9) para a salvação de todos.

De fato, ele é fundamento da pobreza da Igreja: ele não só amou os pobres, mas assumiu sua condição para libertá-los do jugo de todo pecado histórico e injustiça (cf. Fl 2,7); ele veio anunciar a Boa-nova aos pobres (Lc 4,18), aos fracos e aos pequenos (Mt 11,25).

O compromisso real com a pobreza permite à Igreja ser solidária com os mais pobres do subcontinente, fazer do clamor deles o seu próprio clamor, sobretudo no sentido de exigir que a justiça seja feita, e ter credibilidade de seu testemunho no meio do mundo. Esse compromisso se traduz na opção por viver juntos aos pobres, recusar o uso de títulos honoríficos e assumir um estilo de vida que não é movido pelas ambições terrenas, mas sempre disposto a servir.

A solidariedade com os mais pobres é uma exigência da caridade, assim a Igreja que prolonga a obra libertadora de Cristo na história “*apresentará ao mundo um sinal claro e inequívoco da pobreza do Senhor*” (Pobreza da Igreja, n. 18).

3. MEDELLÍN E A MISERICÓRDIA

Como já se mencionou, o texto conclusivo da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Medellín (1968), não explicita, sequer uma única vez, a palavra *misericórdia*. O mesmo acontece com termos que são afins: *bondade* e *benevolência*. Contudo, é possível estabelecer uma conexão entre o texto conclusivo da conferência e textos do Papa Francisco, especialmente *Evangelii Gaudium* e *Misericordiae Vultus*, que tratam o tema *misericórdia* amplamente.

Antes de partir para uma análise mais detalhada da relação entre as partes temáticas do documento conclusivo e sua relação com os textos de Francisco, é fundamental que se afirme que a motivação do Pontificado do Papa Francisco e a de Medellín são as mesmas: a prática eclesial (EG, n. 24). Quando o Papa Francisco fala de *misericórdia*, não está pretendendo fazer uma reflexão doutrinal sobre a mesma. Evidentemente, ele parte do princípio fundamental: a *misericórdia* é o núcleo do *ethos* da Igreja, porque é o núcleo do *ethos* do próprio Deus; é a *arquitrave* que sustenta toda a vida da Igreja (MV, n. 10). A Igreja está chamada a ser misericordiosa, porque Deus é paciente e misericordioso (MV, n. 06). A Igreja não tem o direito de ser misericordiosa; tem o dever especialmente em meio a um mundo que sofre com o flagelo da miséria e a dor da injustiça (MV, n. 10).

Essa constatação aproxima ainda mais o Papa Francisco de Medellín: ao olhar para a realidade que os circundava, os Bispos da América Latina afirmaram em 1968 que era hora da ação; ao olhar sua realidade e ao se deixar iluminar pela Boa-nova do Evangelho do Reino, o Papa Francisco também tem convidado insistentemente a Igreja a agir e agir misericordiosamente (EG, n. 24).

3.1 MISERICÓRDIA E PROMOÇÃO HUMANA

O texto conclusivo da Conferência de Medellín insiste fortemente na promoção humana, chegando, inclusive, a afirmar que a libertação histórica dos mais pobres não é contrária à salvação escatológica de toda a humanidade; mediante a superação de toda forma de injustiça social a salvação escatológica já se faz presente na história. Essa superação se torna um imperativo para uma sociedade que pretende vencer a desigualdade social imposta por anos de colonialismo.

O rosto da misericórdia do Pai que foi revelada à humanidade em Jesus Cristo (MV, n. 01) não quer outra coisa se não a restauração da humanidade perdida pelo pecado e desfigurada pelas faltas históricas (MV, n. 19). A misericórdia de Deus não é um mero sentimento religioso, mas uma *“realidade concreta, pela qual Deus revela o seu amor como de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras”* (MV, n. 06).

Nesse contexto, a misericórdia não se opõe ao clamor de justiça dos mais pobres. Tanto misericórdia como justiça se desenvolvem gradualmente até chegar a seu clímax no amor pleno (MV, n. 20). A justiça de Deus, em Jesus Cristo (cf. Fl 2,16), se converteu em libertação para todos quantos são oprimidos pelo pecado e suas consequências; a justiça de Deus se converteu, portanto, em perdão e misericórdia (MV, n. 20).

No caso da América Latina, a exigência que a Igreja tem de clamar por justiça não se baseia somente em um imperativo social, mas sim em uma *“comoção visceral”* da própria Igreja para com seus filhos e filhas, especialmente os que sofrem sob o peso do pecado histórico de injustiça e exclusão. Portanto, a promoção humana mediante os valores de justiça, paz, educação e família revela uma ação cheia de bondade e misericórdia, ou como o documento repete inúmeras vezes, cheia de solidariedade para com os mais pobres.

3.2 MISERICÓRDIA E RENOVAÇÃO DA EVANGELIZAÇÃO

Não só na Conferência de Medellín, mas como nas que a seguem (Puebla, n. 188; DAp., n. 28-29) e na tradição eclesial latino-americana se percebe claramente uma acentuação cristológica que direciona toda a atividade da Igreja. A Igreja, chamada a dar continuidade à obra redentora ao longo da história, somente poderá fazê-lo com os olhos fixos em Jesus.

Contemplando o rosto misericordioso do Pai no rosto de Jesus de Nazaré, é possível concretizar o amor da Santíssima Trindade para com a humanidade pecadora; amor capaz de converter e transformar toda a existência (MV, n. 08). Toda renovação da Evangelização começa por aqui. Entretanto, a contemplação do rosto da misericórdia não é só conteúdo novo da Evangelização, é também método.

O empenho dos Bispos reunidos em Medellín de transformar os jovens em protagonistas da vida eclesial, especialmente em um momento de fortes mudanças na América Latina, a necessidade da evangelização dos movimentos de massa e, também, dos movimentos da elite, assim como o esforço de prosseguir com a renovação da liturgia e da catequese orientadas pelo Concílio Vaticano II também expressam uma obra de misericórdia.

Não se trata somente de um trabalho de organização intraeclesial e renovação de estruturas pastorais, mas de um processo de reconhecimento do rol próprio dos filhos e filhas de Deus para a realização da missão da Igreja (EG, n. 112). Não se trata de olhar para tantos membros da Igreja somente como destinatários de sua ação pastoral, mas, sim, ver em seu rosto sujeitos livres e responsáveis pela ação eclesial. Isso é possível só quando existir verdadeira bondade e misericórdia dentro das diversas organizações da Igreja.

3.3 MISERICÓRDIA E A IGREJA POBRE

A grande motivação da Igreja para viver a pobreza como compromisso, apresentada no documento conclusivo de Medellín, não é outra se não a misericórdia do próprio Deus que não foi indiferente à pobreza do ser humano, mas permitiu a todos se enriquecerem com a pobreza de Jesus (cf. 2Cor 8,9). As entranhas de misericórdia do Pai, contempladas no rosto de Jesus, não revelam um Deus impassível, mas um Deus cheio de amor e clemência para com os seus.

Nesse mesmo sentido, a Igreja ao abraçar a pobreza não só por amor, mas se fazendo pobre com os mais pobres, também expressa amor e clemência para com eles e conquista credibilidade aos olhos do mundo (MV, n. 12). A credibilidade da Igreja no meio do mundo não se realiza por suas ambições mundanas, como deixa bem claro o documento, mas pela sua opção pelos pobres e por sua vida.

Em não poucas ocasiões a consciência da sociedade se encontra adormecida perante o drama da pobreza e da miséria (MV, n. 15), a Igreja em sua opção fundamental pelo pobre e pela pobreza quer despertar essa consciência adormecida e clamar para que seus filhos e filhas não sofram pela falta de bens materiais mínimos para a promoção de sua dignidade e também para que as elites não se tranquilizem diante de um projeto equivocado de pobreza espiritual.

A pobreza como compromisso, apresentada pela Igreja latino-americana em Medellín, é uma ação concreta de misericórdia para com os mais pobres e, também, para com todo o mundo. O escândalo da pobreza extrema revela a profundidade do pecado histórico da injustiça; a pobreza vivida como compromisso histórico revela um Deus bondoso e compassivo, cujo Filho encarnado também viveu entre os mais pobres dos pobres.

CONCLUSÃO

A Segunda Conferência Episcopal da América Latina, aos povos da América Latina: “Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.” Após a conclusão dos trabalhos desta Segunda Conferência Geral queremos enviar uma mensagem aos povos do nosso continente. (...) A América Latina, além de ser uma realidade geográfica, é uma comunidade de pessoas com história, com valores específicos e problemas semelhantes. O confronto e as soluções devem responder a essa história, esses valores e esses problemas. (...) A América Latina parece viver ainda sob o signo trágico do subdesenvolvimento, que não só separa nossos irmãos do gozo dos bens materiais, mas de sua própria realização humana. (...) Nossa contribuição não se destina a competir com as tentativas de solução de outros organismos nacionais, latino-americanos e mundiais, muito menos rejeitá-los ou desconhecê-los. Nosso objetivo é incentivar os esforços, acelerar conquistas, aprofundar o conteúdo desses em todo o processo de mudança com os valores do Evangelho. (...) Queremos oferecer a colaboração dos cristãos, motivados pelas suas responsabilidades batismais e pela gravidade do momento. (...) Vimos que o nosso compromisso mais urgente é purificar no espírito do Evangelho todos os membros e instituições da Igreja Católica. (...) Esse compromisso nos obriga a viver uma pobreza bíblica real que se expressa em manifestações autênticas, sinais claros para o nosso povo. Só uma pobreza assim irá manifestar Cristo, Salvador dos homens, e descobrir Cristo, o Senhor da história. (...). (Mensagem dos povos latino-americanos)

Ao final dos trabalhos da Conferência de Medellín, os Bispos enviaram uma mensagem para os povos da América Latina; alguns trechos dessa mensagem podem ser lidos acima. Como foi bem indicado, a intenção não era competir com outras tentativas de solução, muito menos de apresentar discursos novos e bem estruturados. O que se buscava era responder, mesmo com limitações, aos desafios presentes no subcontinente mediante uma prática eclesial renovada. O foco, portanto, era a ação da Igreja, seu serviço aos povos latino-americanos. Esforço semelhante já tinha realizado o Concílio Vaticano II, porém no contexto de toda a Igreja. Medellín foi a continuação do próprio Concílio na América Latina traduzindo os principais impulsos da aula conciliar a uma realidade concreta marcada pelo subdesenvolvimento e em rápida transformação.

Desde Medellín, a Igreja latino-americana vivencia a necessidade de partir sempre da prática e, assim, iluminar sua reflexão teológico-pastoral. Por ter bebido dessa tradição eclesial continental, o Papa Francisco tem a prática eclesial como foco principal de sua

reflexão; não se trata de refletir primeiro para depois traduzir a reflexão em prática, justamente o contrário: a prática é o ponto de partida da reflexão. Medellín consagrou a expressão “práxis libertadora” (Introdução, n. 06), o Papa Francisco insiste na “práxis misericordiosa” (EG, n. 193), ambas possuem sua origem no próprio Deus libertador e misericordioso que não hesita em se abaixar para salvar seu povo de seus pecados e de toda injustiça (cf. Fl 2,7).

Este trabalho já teve a oportunidade de apresentar a coincidência metodológica de Medellín e do Papa Francisco, além de mostrar que, mesmo não tendo se expressado com as mesmas palavras, estão muito alinhados em seus conteúdos.

Contudo, a modo de conclusão se quer aprofundar em mais uma concordância entre o magistério de Medellín e o magistério do Papa Francisco: a reconciliação (Paz, n. 14; EG, n. 229-230). A América Latina da segunda metade do século passado se encontrava em uma situação histórica delicada: a maioria de sua população sofria com o subdesenvolvimento, chegando inclusive a não ter o mínimo para a sobrevivência; uma pequena elite detinha o poder político, econômico e cultural, além de estar mergulhada no jogo de interesses econômicos mundiais, especialmente relacionados com a extração de matérias primas para alimentar o parque industrial do mundo desenvolvido. Infelizmente, cinquenta anos se passaram e a situação não mudou muito. É possível identificar alguns processos que focam a melhoria de vida da população, mas a maioria ainda continua pobre e não são poucos os casos daqueles que não tem acesso ao básico para sobreviver.

A Igreja em sua missão profética e, também, materna quer estar junto com os que mais sofrem: a pobreza como compromisso é profecia, mas também cuidado materno para com os mais fracos. Além do mais, a Igreja seja por seu ímpeto de vencer toda injustiça, seja por sua missão universal que não a permite fazer distinção de pessoas, quer promover em seu seio a reconciliação dos povos. Mera conciliação nesse contexto é insuficiente.

No caso concreto da América Latina, a Igreja está ante da árdua tarefa de reconciliar os mais abastados com os mais pobres, fazendo com que aqueles sejam mais sensíveis e solidários com as necessidades destes; também a reconciliação dos mais pobres com os mais abastados, suscitando naqueles a autêntica reivindicação de ser os protagonistas de seu desenvolvimento humano e a superação de todo tipo de violência contra estes.

Reconciliação é uma tarefa árdua, porém urgente. Tarefa que não perdeu sua vigência, como o documento conclusivo de Medellín, e está na vanguarda da vida das comunidades eclesiais, como o Pontificado do Papa Francisco. A reconciliação é o resultado do empenho pela justiça, como o movimento rumo ao mais fraco próprio da misericórdia. Isso permitirá à Igreja dizer de si mesma o que o autor da Carta aos Efésios disse de Jesus Cristo: *“Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro da separação e suprimido em sua carne a inimizade – a fim (...) de reconciliar a ambos com Deus em só Corpo por meio da Cruz na qual ele matou a inimizade.”* (Ef 2,14.16).

REFERÊNCIAS

- CELAM. *Conclusões de Medellín*, São Paulo: Paulinas, 1987.
- PAPA JOÃO XXIII. *Discurso na abertura solene do Concílio Ecumênico Vaticano II, Gaudet Mater Ecclesia* (11 de outubro de 1962). Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acessado em: 01 de maio de 2018, 21:00:00, n. VII, 2.
- SOBRINO, J. *Jesús en América Latina*, Santander: Editorial Sal Terrae, 1982.
- PAPA FRANCISCO. *A Alegria do Evangelho*, São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- _____. *O rosto da misericórdia*, São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- CELAM. *Conclusões da Conferência de Puebla*, São Paulo: Paulinas, 1980
- _____. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, São Paulo: Paulus, 2008.